

RESENHAS

A questão infinita

Autor: Christopher Bollas

Editora: Artmed, 2012

Resenhado por: Cláudia Aparecida Carneiro¹

A questão infinita é uma exploração minuciosa do princípio fundamental da psicanálise – existe pensamento inconsciente – e de como o analista e o analisando se expressam inconscientemente por meio da associação livre.

Proponho um rápido passeio para introduzir a proposta do autor: imagine-se, leitor, numa viagem de trem, sentado junto à janela, a olhar a paisagem que muda continuamente. As imagens suscitam impressões, emoções. Um vilarejo evoca uma cena da infância, interrompida pela súbita entrada do trem num túnel e a emergência de pensamentos perturbadores. Sem entender o que o aterrorizou, a saída do túnel é tranquilizadora e a saudade de um tempo incerto o inquieta. Você se lembra de uma conversa ocorrida na véspera e deseja reparar um mal-entendido.

A viagem de trem foi usada por Freud como modelo de sua teoria da associação livre. A cada paisagem (imagem), criamos linhas de pensamento que se ramificam em diferentes direções e uma pequena parte do que pensamos inconscientemente é captada pela consciência. Nesse livro, Christopher Bollas retoma os postulados de Freud sobre o inconsciente e a importância técnica da associação livre para defender que o método freudiano estabeleceu os trilhos por onde esses trens de pensamento livre, ativos em nossa mente, poderiam viajar, tentando encontrar expressão.

Com base no método da livre associação (e atenção uniformemente suspensa) e estudos aprofundados da clínica psicanalítica, Bollas sustenta sua ideia central: na posição de escuta, o analista deve adotar uma atitude semelhante à do analisando e deixar-se levar pela corrente de seus próprios pensamentos inconscientes. Ao facilitar a expressão do pensamento inconsciente, a dupla analista-analisando poderá obter uma quantidade suficiente de informações que colocará o analista em posição de ajudar seu paciente a descobrir os padrões de pensamento ou comportamento que causam sofrimento mental.

O processo psicanalítico e a associação livre vêm sendo tratados por Christopher Bollas numa série de publicações, a qual inclui *The mystery of things* (*O mistério das coisas*), de 1999, e *The evocative object world* (*O mundo do objeto evocativo*), de 2008, cuja leitura é recomendada para acompanhar *A questão infinita*. Neste mais recente trabalho, ao resgatar a compreensão original de Freud sobre o

1 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

pensamento inconsciente, o autor criticamente observa que a psicanálise concedeu um privilégio desnecessário ao inconsciente reprimido, em detrimento do descritivo, acessível pela livre expressão das cadeias associativas na sessão psicanalítica.

Bollas restaura a importância do conceito freudiano de inconsciente não reprimido em articulação com conceitos próprios, como *o conhecido não pensado*, *o objeto evocativo* e a criatividade do inconsciente. Mas a ênfase desse trabalho está na clínica. A partir dos aspectos teóricos abordados nos seis primeiros capítulos, dedica a segunda metade do livro à apresentação de três casos clínicos e faz uma análise detalhada e criteriosa do diálogo das pacientes “Arlene”, “Caroline” e “Annie” com seus analistas, ao longo de seis sessões comentadas.

Frase após frase, intercaladas por silêncios, movimentos das pacientes, intervenções dos analistas, Bollas desfia meticulosamente o material das sessões e vai tecendo diversas linhas de pensamento para depois articulá-las numa discussão rica de detalhes sobre o trabalho inconsciente da dupla analítica. Mas para acompanhar as sessões comentadas e tirar proveito desse minucioso trabalho que Bollas realiza, é necessário assimilar sua proposta teórica, muito bem encadeada nos capítulos iniciais, sobre como os pensamentos inconscientes se expressam e como o analista pode “ouvi-los” e compreender, em retrospectiva, sua lógica sequencial. O modo coloquial e agradável com que Bollas fala ao leitor torna fácil esta tarefa.

Inicia apontando a importância de se distinguir a teoria da repressão da teoria da sequência de Freud. Como fato clínico, a teoria da repressão concentra-se no retorno do reprimido e tornou-se sinônimo da ideia de conflito freudiano. Por razões que Bollas argumenta mais detalhadamente no livro, os psicanalistas ignoraram o chamado inconsciente não reprimido, abandonando a teoria mais radical de Freud, de que há uma lógica sequencial, inerente ao pensamento inconsciente, na linha de ideias aparentemente desconectadas. Propõe o autor: “Se aprendermos a ouvir essa sequência, descobriremos um discurso inconsciente mais rico e mais complexo do que o encontrado no significante único e ocasional que carrega uma determinada promessa fonêmica” (p. 17).

O capítulo 1, intitulado “Este mundo sem fim”, Bollas discorre sobre as descobertas de Freud em “A interpretação dos sonhos” (1900/1987b), especialmente que os pensamentos oníricos se ramificam em todas as direções e não podem, pela sua natureza, ter conclusões definitivas. Ressalta que Freud optou pelo inconsciente dinâmico – com suas dimensões sexuais e agressivas conflituosas – e desviou a atenção das implicações complexas do mundo que descobrira. Admitia que nunca poderia contar a história do inconsciente.

No capítulo 2, “Uma ligação especialmente intrínseca”, o autor prossegue com o livro dos sonhos de Freud para descrever o inconsciente atemporal e sua lógica sequencial, mais reveladora do que o momento embaraçoso anunciado pelo ato

falho. Pois a voz do inconsciente se revela a partir da reunião de muitas linhas de pensamento numa lógica serial em que emergem o desejo, a ansiedade, a memória e o conflito do sujeito.

Os três capítulos seguintes tratam mais profundamente do trabalho da associação livre e da forma de escuta do analista, apresentados com detalhes técnicos, metáforas e recorrências às lições de Freud. O capítulo 3, “Tecendo na fábrica de pensamento”, mostra como a escuta do analista pode costurar as linhas invisíveis de pensamentos que surgem na sessão, em suas diferentes formas de representação, e criam uma tapeçaria de significados. O próximo capítulo, “A escuta”, especifica o papel desempenhado pelo inconsciente receptor. Em estado mental receptivo, o analista poderá, com o tempo, decodificar as associações livres do analisando. Operando em um modo de repressão, numa *escuta seletiva*, o analista seria incapaz de receber as mensagens inconscientes do analisando dessa forma.

Bollas reporta ao ensaio de Freud “Dois artigos de enciclopédia” (1923/1987a), para ele a narrativa mais lúcida sobre como a psicanálise funciona. Nesse ensaio Freud sugere ao analista um estado mental de *atenção uniformemente suspensa*, abstenendo-se da memória e da previsão, apenas abrindo caminho à escuta inconsciente. Comenta Bollas:

Compare essa postura com a visão de que o analista sempre deve observar a transferência, ou acompanhar os atos falhos do sujeito, ou seguir a ópera da projeção ou identificação projetiva. Essa seletividade pode ser compreendida como uma defesa contra a complexidade de uma sessão, ao passo que o método inovador de escuta de Freud respeita essa complexidade e incentiva o analista a encontrar o analisando em uma área intermediária, onde compartilham o mesmo estado mental. (p. 33)

Finalmente, no capítulo 6, “Registrando o inconsciente”, o autor apresenta sua tipologia da sequência inconsciente, constituída de *categorias* diferentes (linguística, corporal, sônica, relacional, e assim por diante) e subcategorias denominadas *ordens*. A cadeia de pensamentos verbais que surge da fala do paciente é apenas uma das muitas formas de sequência. Cada qual tem sua estrutura lógica: na categoria do relacional, estariam as ordens da transferência e contratransferência. A categoria visual poderia incluir as ordens imaginária e dramática; na categoria sonora, as ordens da altura, ritmo, cadência e modulação, ou seja, o modo como os sons do paciente mobilizam o analista.

Como numa partitura sinfônica e suas várias pautas, o movimento sequencial simultâneo das diversas “linhas de pensamento” em categorias distintas forma um tipo de harmonização do pensamento. Este pode ser captado, porque, afirma Bollas,

“o inconsciente do analista *conhece* as diferentes categorias de pensamento e sabe como escutar padrões de expressão” (p. 39). Portanto, o conselho de Freud de “seguir o fluxo do inconsciente do paciente com seu próprio inconsciente” não é apenas sensato, é vital.

Nesse ponto, o leitor estará preparado, enfim, para passar à leitura das sessões das três pacientes com os comentários de Bollas. Ele sugere que antes o leitor veja as sessões sem os comentários, encontradas no apêndice do livro. Que leia e releia seguindo o conselho de Freud, sem tentar descobrir o que as analisandas querem dizer com o que dizem. O passo seguinte é um encontro do leitor com o produto de pensamentos inconscientes das pacientes, de seus analistas e do autor desse livro.

Nos capítulos 7 a 9, após um preâmbulo sobre cada analisanda, as sessões de “Arlene”, “Caroline” e “Annie” são dispostas em uma coluna, e ao lado, em outra coluna, Bollas comenta as falas, movimentos, silêncios, buscando seguir a lógica sequencial das sessões. Ao final de cada sessão, faz uma discussão sobre as perguntas implícitas que a paciente apresenta, a partir das cadeias associativas reveladoras de seu inconsciente. O capítulo 10 se concentra em observações sobre o trabalho inconsciente da dupla e a importância de o analista persistir no questionamento que beneficia o processo analítico, em oposição à interpretação-resposta apressada que o interrompe.

Ao finalizar, Bollas recorre a uma investigação de diálogos contidos em “Édipo Rei” e *Hamlet* para reforçar o argumento dessa obra: mais do que obter respostas, a força do questionamento leva a mente a pensar sobre um conhecimento impensado, e a força desse conhecimento inspira a curiosidade intrapsíquica. Esta é, nas palavras do autor, uma questão infinita.

Referências

- Bollas, C. (1999). *The Mystery of Things*. New York, NY, London: Routledge.
- Bollas, C. (2008). *The evocative object world*. London: Routledge.
- Freud, S. (1987a). Dois artigos de enciclopédia. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1987b). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Cláudia Aparecida Carneiro
SHIS QI 09 Bloco E-II sala 309
Ed. Centro Clínico do Lago – Lago Sul
71625-009 Brasília, DF
claudiacarneiro@hotmail.com